ISSN 1413-5787

Laboratório de História Antiga – UFRJ

PHOÎNIX

Mauad X

2016

RESENHA*

ROSE, Ch. B. **The archaeology of Greek and Roman Troy.** Nova York: Cambridge University Press, 2014. 406 p.

*Renata Cardoso de Sousa***

Charles Brian Rose é um premiado arqueólogo americano e, hoje em dia, atua em diversas instituições ligadas à sua área de formação, como o Museu Penn e escavações na Ásia Menor, além de ser professor James B. Pritchard de Arqueologia Mediterrânea no Departamento de Estudos Clássicos da Universidade da Pensilvânia. Ele propõe em seu livro **The archaeology of Greek and Roman Troy** fazer um panorama das escavações relativas a Troia desde o século XIX até o presente.

Seu livro se divide em doze capítulos, dos quais quatro se destinam à análise de uma cultura material específica (o sarcófago de Políxena, o sarcófago da criança, o túmulo de Dedetepe e o sarcófago Çan). Percebemos que ele dá muito destaque aos locais de culto e às regiões tumulares, apresentando uma rica análise desses materiais e das hipóteses acerca deles elaboradas ao longo dos séculos de pesquisa arqueológica. No entanto, ele perpassa todos os lugares-comuns (a relação entre os *ahhyiawa* e os aqueus, entre Alaksandu e Páris-Alexandre, e entre Troia e Wilusa; a Guerra de Troia e sua historicidade; a colonização grega na região; as tumbas heroicas que fazem parte do imaginário helenístico e romano, etc.) e propõe novas questões, além de mostrar como a região é importante hoje em dia.

Seu trabalho não se restringe a um mero catálogo da cultura material: Rose elabora uma série de interpretações acerca do que foi descoberto. Para

* Recebido em 20/04/2016 e aceito em 25/05/2016.

** Professora doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista Capes, orientada pelo Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa.

tal, utiliza não somente os métodos arqueológicos para datação ou proveniência, mas também textos oriundos da tradição greco-romana. Exemplos disso são: a) a ligação feita entre o reforço da segurança em Troia – com a construção de muralhas *e* fossos (algo bastante peculiar) – e a revolta Assuwa, descrita por documentos hititas (capítulo um); b) a fixação de Homero no século VII a.C. com base na datação da Troia que seria contemporânea ao poeta da **Ilíada** e da **Odisseia** (capítulo dois) por se aproximar mais da caracterização que ele faz da cidade.

Embora suas hipóteses possam ser contestáveis (visto que nem o pesquisador se propõe a definir uma interpretação fixa, abrindo possibilidades de pesquisa), é interessante perceber como faz dialogar a cultura material com a documentação textual disponível, propondo hipóteses que não estão "engessadas" dentro do âmbito da interpretação arqueológica e estimulando o diálogo entre a Arqueologia e outras áreas do conhecimento. Do mesmo modo, sua obra ajuda na compreensão do momento em que estão essas escavações, visto que ele mesmo foi responsável pelo trabalho com o período imediatamente posterior à Idade do Bronze e atualmente é diretor do Projeto de Escavação Górdia. Além disso, o autor deixa margens para que outros pesquisadores possam continuar o trabalho de interpretação de determinada problemática, não concluindo nem trabalhando à exaustão algum tema.

The archaeology of Greek and Roman Troy é um esforço de síntese que funciona, atendendo à proposta do livro. Rose sempre deixa indicações de onde podemos obter maiores informações sobre determinado tema, estimulando a pesquisa. O autor escreve numa linguagem clara, num inglês perfeitamente compreensível, tornando rápida a leitura, e sempre explica termos relativos ao âmbito arqueológico que possam ser desconhecidos por pessoas que não trabalham com esse ramo, objetivando, assim, uma obra transdisciplinar.

Ademais, é interessante perceber que os capítulos não precisam ser lidos na ordem exata, mesmo que estejam dispostos cronologicamente: ele resolve as problemáticas acerca de um período naquela seção e não faz referências a conhecimentos já trabalhados sem perpassá-los novamente de um modo geral. É um bom livro para quem está começando a se aventurar pelos estudos sobre a Ásia Menor: preza pelo didatismo sem perder a academicidade e traz muitas imagens e mapas que auxiliam a compreensão e visualização das problemáticas. Essa obra é também, sem dúvidas, uma referência necessária para os estudiosos do Mediterrâneo, em virtude da sua proposta.

PERFIL DA REVISTA

A **PHOÎNIX** é um periódico de publicação semestral* do Laboratório de História Antiga (Lhia) do Instituto de História (IH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Lhia tem como objetivo divulgar as pesquisas em Antiguidade, realizadas no Brasil e no exterior. A **PHOÎNIX** constitui um veículo privilegiado para atingir esse objetivo.

A **PHOÎNIX** se caracteriza por ser um espaço isonômico de publicação dedicado a:

1. mostrar a originalidade e a singularidade das abordagens historiográficas brasileiras referentes às sociedades antigas;
2. estabelecer um lugar de diálogo entre os estudiosos da Antiguidade, brasileiros e estrangeiros, com os demais saberes;
3. garantir a liberdade de expressão, a diversidade teórico-metodológica, a qualidade científica e o despertar de novos talentos, sendo, por excelência, um lugar de experimentação, de debate e de crítica acadêmica.

Pensar as sociedades antigas como algo vivo na nossa cultura, situando o seu lugar numa história humana que abrange muitos caminhos, permite refletir mais lucidamente sobre as implicações e os embates da nossa sociedade, e esclarecer o que somos, comparados e confrontados aos outros, tanto em termos temporais quanto espaciais.

LABORATÓRIO
DE HISTÓRIA
ANTIGA – UFRJ

LHIA

* Até o ano de 2008, a Phoînix tinha periodicidade anual. A partir de 2009, tornou-se semestral. Em 2016, a Phoînix ganhou uma versão eletrônica (www.phoinix.historia.ufrj.br).